

GRANDES PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO URBANO: O CASO DE TERESÓPOLIS E A PRODUÇÃO E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM ÁREAS CENTRAIS

LARGE URBAN DEVELOPMENT PROJECTS: THE CASE OF TERESÓPOLIS AND THE PRODUCTION AND OCCUPATION OF PUBLIC SPACE IN CENTRAL AREAS

Alvaro Mauricio Pilares Vera¹; Júlia Muniz Vargas²; Guilherme Costa Esteves³

RESUMO

As áreas centrais das metrópoles brasileiras, nas últimas décadas, têm sido palco de GPDU (Grandes Projetos de Desenvolvimento Urbano), despertando discussões sobre a sua concepção projetual urbanística e arquitetônica e sua influência política na tomada de decisões. Este artigo é parte de uma pesquisa com o objetivo de discutir a concepção e implantação de GPUs encontradas nas ACs (áreas centrais) da cidade de Teresópolis, uma das principais cidades da região serrana do estado do Rio de Janeiro, como marcas de governo enquanto instrumento de promoção política por parte da administração municipal local. Escolhemos estudar a área central da cidade por se tratar de um espaço público cobiçado e propício para desenvolvimento de empreendimentos arquitetônicos e urbanísticos. Na discussão acerca dos conceitos de centro e centralidade, é necessário entender a importância de que se revestem essas áreas na compreensão da estruturação do espaço urbano, considerando as várias escalas espaço-temporais (BARRETO, 2010) e as manifestações nelas praticadas assim como as diferentes configurações morfológicas, “podendo mostrar-se também sob uma disposição axial [...] ou encontrando nela uma dispersão territorial fragmentária distribuída em centros fora do centro da cidade” (CASTELLO, 2016, p. 45), ou seja, uma composição de diferentes magnitudes e funcionalidades. Assim sendo, a centralidade de uma cidade envolve a capacidade que um espaço tem de polarizar os outros espaços próximos a ele, de atrair fluxos e concentrar pessoas em seu entorno, configurando-se assim um centro urbano vivo. Desse modo, nos moldes empresariais de gestão da cidade contemporânea, entendemos que o “sucesso” de um GPDU pode estar vinculado ao poder exercido durante a gestão propriamente dita da cidade, ao lugar da implantação (questões físicas e simbólicas) e a forma (plástica) adotada para a arquitetura, como artifício para promover uma sensação de satisfação e orgulho por parte dos habitantes do lugar.

Palavras-chave: Cidade e metrópole; Produção do Espaço; Teresópolis.

1 Docente e coordenador do projeto, Unifeso - alvarovera@unifeso.edu.br.

2 Pesquisadora, bolsista (discente), Curso de Arquitetura e Urbanismo, Unifeso.

3 Pesquisador, bolsista (discente), Curso de Arquitetura e Urbanismo, Unifeso.

ABSTRACT

In recent decades, the central areas of Brazilian metropolises have been the scene of GPDU (Large Urban Development Projects), sparking discussions about their urban and architectural design concepts and their political influence on decision-making. This research aims to discuss the design and implementation of GPUs found in the ACs (central areas) of the city of Teresópolis, one of the main cities in the mountainous region of the state of Rio, as government brands as an instrument of political promotion by the local municipal administration. We chose to study the central area of the city because it is a coveted public space and suitable for the development of architectural and urban development projects. In the discussion about the concepts of center and centrality, it is necessary to understand the importance of these areas in understanding the structuring of urban space, considering the various space-time scales (BARRETO, 2010) and the manifestations practiced in them as well as the different morphological configurations, “which can also be shown under an axial arrangement [...] or finding in it a fragmentary territorial dispersion distributed in centers outside the city center” (CASTELLO, 2016, p. 45), that is, a composition of different magnitudes and functionalities. Therefore, the centrality of a city involves the capacity of a space to polarize other spaces close to it, to attract flows and concentrate people in its surroundings, thus configuring a living urban center. Thus, in the business model of contemporary city management, it can be concluded that the “success” of a GPDU may be linked to the power exercised during the management of the city itself, to the place of implementation (physical and symbolic issues) and the (plastic) form adopted for the architecture, as a device to promote a feeling of satisfaction and pride on the part of the inhabitants of the place.

Keywords: City and Metropolis; Production of Space; Teresópolis

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre áreas centrais em qualquer cidade do mundo tem sido pauta de muitas pesquisas acadêmicas, articulando temas ligados ao urbanismo, à sociologia, à antropologia, à economia, entre outros não menos importantes, enriquecendo assim a discussão e o debate interdisciplinar.

Muitas são as definições que se dá ao que se pode chamar de área central de uma cidade, e essa definição estará relacionada às atividades nela praticadas, assim como a aspectos históricos da área analisada, especialmente no que se refere a planos de reorganização, intervenções urbanas e documentos que testemunham a pertinência de serem chamadas de área central ou centralidade. Tais áreas, têm ganhado destaque desde o final da segunda guerra mundial, quando ambiciosos projetos destinados à sua recuperação, alterando, muitas vezes, suas funções de bairro cuja renovação foi orientada principalmente para o uso de serviços diversos, originando o que hoje se conhece como centro de negócios em grande escala (cf. PILARES, 2021).

Sob o ponto de vista da geografia, na discussão acerca dos conceitos de centro e centralidade, é necessário entender a importância de que se revestem essas áreas na compreensão da estruturação do espaço urbano, considerando as várias escalas espaço-temporais (BARRETO, 2010) e as manifestações nelas praticadas assim como as diferentes configurações morfológicas, “podendo mostrar-se também sob uma disposição axial [...] ou encontrando nela uma dispersão territorial fragmentária distribuída em centros fora do centro da cidade” (CASTELLO, 2016, p. 45), ou seja, uma composição de diferentes magnitudes e funcionalidades. Assim sendo, a centralidade de uma cidade envolve a capacidade que um espaço tem de polarizar os outros espaços próximos a ele, de atrair fluxos e concentrar pessoas em seu entorno, configurando-se assim um centro urbano vivo.

Nesse sentido, além da questão geográfica, precisamos perceber onde se manifestam as atividades principais da cidade, pois geralmente elas se irradiam a partir de um centro, do núcleo central, da área central, pois “[...] o conjunto de ações da sociedade que resultam num frenesi cotidiano da reprodução do espaço, geralmente acontecem nessa área central, e produzir espaço é produzir vida” (SANTOS apud VASCONCELOS, 2016). Essa ocupação do espaço pela comunidade, usuários diretos e indiretos tendem a destacar o potencial da área em questão para abrigar diversas atividades culturais e sociais, pois como afirma o arquiteto grego Stavros Stavrides (2018): “Se nós queremos pensar sociedades diferentes, temos que pensar espaços onde vão se manifestar essas novas formas de sociedade. O espaço comum não preexiste sem a vivência experimental de quem o ocupa”.

O centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo o ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela (SPOSITO apud BARRETO apud, 2010, p. 34).

Enquanto as áreas centrais da cidade contemporânea iam crescendo e se articulando cada vez mais na malha urbana e no cotidiano do habitante, crescia aceleradamente e ao mesmo tempo, um movimento de renovação urbana no espaço público dessas áreas, chamado aqui de Grandes Projetos Urbanos (GPUs), o que muitas vezes considerava esquecer o passado histórico do lugar e onde planejadores e administradores municipais

propunham erguer novos equipamentos atraindo novos usuários, canalizando um considerável valor a esse local. Esse processo está inteiramente baseado no marketing da cultura urbana, já que a estratégia desenhada pelos donos do capital para agir na área central em questão seria a do aumento do poder investido (cf. MERCIER, 2008, p. 4).

Esta pesquisa pretende levantar a questão do papel do administrador municipal e a sua relação com projetos implantados nas áreas centrais durante a sua gestão, como marcas de governo e os impactos deixados na cidade, a relação de usos e a utilização dos equipamentos no espaço público, tendo como hipótese central de marcas de governo através de GPUs, dentre outros questionamentos, servem também como instrumento de promoção política por parte dos seus administradores municipais e que teriam causado impactos consideráveis na área implantada, alterando a ambiência antes encontrada, a morfologia e o sentimento de pertencimento por parte do usuário do lugar, questões físicas e simbólicas, ambas de suma importância para o lugar em questão.

2. TERESÓPOLIS COMO OBJETO DE PESQUISA

A área central da cidade é onde os Grandes Projetos Urbanos acontecem de forma mais acentuada. São espaços estratégicos que acabam sendo o cenário perfeito para a manifestação política de um projeto urbanístico e arquitetônico que vem geralmente acompanhado de um discurso envolvente e convincente, onde o usuário, aquele que vive constantemente circundando o entorno do objeto, poderá se deixar surpreender pela beleza plástica e grandiosidade escalar, quase monumental da edificação, sem pelo menos indagar qual foi a origem e/ou objetivo do mesmo, desde a sua concepção até o propósito final: fazer com que o administrador municipal deixe um impacto “positivo” na cidade para que, quiçá mais adiante, possa retornar ocupando um cargo ainda maior no que tange a gestão de uma cidade, do estado ou nação.

O neo urbanismo, uma nova forma de entender a cidade, analisado aqui desde uma perspectiva da geografia cultural, tem apresentado um considerável “sucesso”, tanto na prática como na opinião pública de quem usa ou frequenta os lugares que receberam projetos desse tipo. Essa satisfação encontrada em grande parte dos usuários é o que explica claramente a paradoxal justificativa da existência do GPU estar implantado neste ou naquele lugar, sendo algumas destas pela proteção do patrimônio construído, permitindo ao mesmo tempo usos inovadores, a diversidade de usos do patrimônio.

A questão ideológica dos gestores municipais que Botelho (2019) afirma que, assim como seus valores estruturados, são um elemento importante que norteiam decisões para a implantação de um GPU em áreas centrais, pois temos na nossa sociedade diferentes tipos de agremiações político partidárias administrando cidades e diferentes visões de mundo, as quais chegarão junto aos órgãos e agências de financiamento, com propostas consideradas a melhor opção para o lugar, considerando o desenvolvimento capitalista encontrado nos grandes centros da cidade contemporânea (TAFURI, 1985, p. 11).

Teresópolis é a cidade objeto desta pesquisa onde se busca encontrar marcas deixadas na gestão municipal através de GPUs implantados em áreas centrais e se pretende analisar o impacto político desde a concepção até sua pós-ocupação pelos usuários do lugar, assim como apresentar e discutir os possíveis agentes e atores encontrados durante o processo.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral discutir marcas de governo deixadas através de grandes projetos urbanos implantados na área central da cidade de Teresópolis, RJ, partindo da premissa de que tais GPUs têm servido como instrumento de promoção política por parte dos administradores municipais, onde percebe-se que projetos arquitetônicos implantados na cidade contemporânea têm apresentado uma nova interpretação da arquitetura erguida muitas vezes de forma isolada e sem conexões nem nexos históricos e/ou simbólicos com o lugar.

E ainda a pesquisa pretende: discutir conceitos de GPUs na cidade contemporânea e a sua importância através da história e o processo de gestão e implantação na cidade, como marcas de governo; discutir projetos urbanos em áreas centrais na cidade contemporânea e seus impactos ao longo da história; refletir sobre o papel do administrador municipal e a sua filiação político partidária em relação a gestão de projetos e sua implantação em áreas centrais da cidade contemporânea; confrontar possíveis convergências e divergências entre os três projetos objeto desta pesquisa para assim confirmar a forte participação política da gestão municipal em busca de um impacto a ser deixado na cidade em questão.

3. TERESÓPOLIS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Hoje em dia estamos vivenciando tempos de rápidas mudanças em diversas dimensões do mundo e da vida. As novas tecnologias, cada vez mais presentes no nosso cotidiano, têm feito surgir novos tipos de dependência, contribuindo para o afastamento do contato físico, o qual, tem crescentemente sido substituído pelo contato virtual, através especialmente das redes sociais.

Se por um lado, as condições de trabalho, tanto intelectual quanto física propriamente dita sofreram profundas alterações por intermédio dos ganhos de produtividade possibilitados pela inserção de inovações técnicas diversas, a dependência dos aparelhos tem tornado o homem refém do mundo contemporâneo e o afastado do contato físico-social, no que diz respeito à troca de ideias, qualidade do tempo em família, em relacionamentos entre amigos, no trabalho, na cidade.

O homem anda pelas ruas (quase sempre) olhando um aparelho (ora por distração, ora por informação) em lugar de um contato visual direto com a realidade urbana. Se orienta por aparelhos ao invés de perguntar aos transeuntes, ocupa os espaços públicos, embora quase sempre conectado aos seus aparelhos em vez de aproveitar e observar o lugar, as pessoas, as formas, as cores, inclusive de respirar de forma adequada ou relaxar o corpo usando o mobiliário urbano instalado para tal finalidade.

O papel do arquiteto e urbanista, dentre tantas outras atribuições, sempre foi o de planejar e projetar espaços, considerando o bem-estar do homem como usuário, compreendendo a cultura urbana do lugar, usando recursos disponíveis do local. Rogers (1997, p. 151) afirma que “a cultura urbana é fundamentalmente participativa e ela se manifesta em atividades que ocorrem em ambientes densos e interativos da cidade”. Isto nos leva a refletir sobre a função (e as possibilidades) das praças como espaços públicos livres como sendo o principal alvo para se pensar em democratização de uso (usabilidade) e funcionalidade projetual, no intuito de reaproximar mais o homem aos demais homens da cidade.

O espaço público das cidades (ruas e praças), entendidas analogamente como partes do corpo humano, podem ser consideradas como pulmões, espaços de convivência onde o homem possa desenvolver atividades de interação social, podendo usufruir democraticamente do uso da liberdade de expressão. Ainda na afirmação de Rogers (1997, p. 152) “a democracia encontra sua expressão física nos espaços multifuncionais de domínio público, na vitalidade de suas ruas [...] o espaço público derruba preconceitos e nos obriga a reconhecer responsabilidades comuns [...]”. Qualquer espaço público torna-se espaço de vitalidade e deve ser usufruído pelo habitante da cidade e, nesse sentido, eles merecem a total atenção dos planejadores cujos projetos estão subordinados a administradores municipais e agências financiadoras.

É inegável que a prática, aqui considerada como criação e implantação do projeto urbano, mais do que uma atividade técnica, é uma iniciativa política. Afinal, a arquitetura e o urbanismo encarnam, especialmente quando encarnam e/ou respondem à dimensão pública, são iniciativas políticas. Assim, a cultura local, somados aos levantamentos técnicos, entre outras tarefas, comporão o diagnóstico do lugar para se pensar em alguma solução projetual para o espaço em questão.

Nas últimas décadas, a dimensão cultural tem adquirido centralidade na pauta urbana, notadamente no que se refere à implantação de equipamentos dessa natureza nas áreas centrais, tornando-se importante alavanca de marketing para administradores municipais mundo afora, aí incluído o Brasil, que fazem dela literalmente um palco de exposição para poder deixar uma marca de governo das suas respectivas administrações. Assim, equipamentos culturais como teatros e museus têm surgido nos últimos 30 anos, reconfigurando as áreas centrais de diversas cidades, inclusive, brasileiras.

O presente trabalho pretende mostrar um panorama de como se encontra o estado da arte da pesquisa *in loco*. Discutir o espaço público especificamente na área central da cidade de Teresópolis discutir o papel da gestão municipal e sua relação na concepção e implantação de grandes projetos urbanísticos e arquitetônicos na cidade e seus impactos na sociedade e nos habitantes do lugar, as marcas de governo, atores e agentes envolvidos, tentando identificar possíveis convergências ou divergências nos seus respectivos processos de implementação na gestão do prefeito em questão.

4. APONTAMENTOS EM ANDAMENTO E DISCUSSÃO

Neste artigo estamos adotando as seguintes metodologias: (i) revisão de fontes de pesquisa primárias e secundárias (artigos de jornais e periódicos que trataram das intervenções aqui discutidas); (ii) aplicação de entrevistas e questionários eletrônicos, levantando dados sobre a gestão municipal de 2018 a 2024 na cidade objeto, para um universo de 120 a 150 respondentes por cidade, operacionalizados por meio de projeto de Iniciação Científica, PIBIC, no curso de Arquitetura e Urbanismo da Unifeso, e mais 5 alunos colaboradores; obtendo assim resultados do tipo qualitativos e quantitativos (quali-conti).

A metodologia aqui aplicada, tanto a revisão bibliográfica e o trabalho de campo realizado na AC da cidade objeto, contribuirão favoravelmente com a identificação de problemas na concepção dos projetos implantados nas cidades em questão, assim como levantar a discussão de informações apuradas durante a pesquisa *in loco*, contribuindo assim para o debate e finalmente caminhando para as conclusões desta pesquisa.

4.1 Áreas Centrais e Centralidades: Apontamentos

Refletir sobre a cidade, sobre o urbano, não é tarefa fácil, pois as cidades estão constantemente em movimento e se desenvolvem dia após dia, apesar da sua estrutura se manter razoavelmente estática durante o passar dos anos, a forma urbana se altera em todo momento (cf. VIEIRA, 2012, p.31) com mudanças na morfologia da paisagem, através de construções novas e intervenções urbanas pontuais.

A cidade é dinâmica e isso estará relacionado, dentre outros aspectos não menos importantes, à usabilidade por parte dos seus habitantes e a sua experiência, mas muitas vezes se vê defrontada por situações inesperadas.

Se nos remetermos à evolução da cidade, encontraremos que o sufixo “ismo” da palavra URBANISMO define o estudo ou teoria da cidade, mas também pode ser definido como “ciência ou teoria da localização humana”, conforme aponta Choay (1998, p. 2), e esta definição já traz à tona a participação ativa do habitante como responsável pelo espaço, seu uso e ocupação, manutenção ou deterioro, embora essa definição se remeta a um conceito mais geográfico, não considerando aqui a palavra “urbe”. A geografia humana e urbana vem tratando do urbanismo e contribuindo para o que Choay define como “disciplina que se diferencia das artes urbanas anteriores por seu caráter reflexivo e crítico, e por sua pretensão científica” (CHOAY, 1998, p. 2).

Para Peter Hall (1995), esta linha demarcatória, qual seja a do urbano a partir de um ideal teórico formulado sobretudo até a metade do século XX, justifica-se pelo fato que tais ideias consistiram numa espécie de reação às cidades futuras do século XXI e aos impactos causados pela revolução industrial do século XVIII sobretudo no contexto da Europa e dos Estados Unidos, e que até hoje influenciam no processo de gestão dos espaços. Cerdà⁴, por exemplo, ao projetar a ampliação de Barcelona em 1850, e “[...] apesar de jamais ter usado o termo urbanismo, utilizou o termo “urbe” para designar de modo geral os diferentes tipos de assentamentos humanos e o termo urbanização designando a ação sobre a urbe [...]” (cf. MONFRÉ, 2015, p. 3).

No século XIX, a cidade já apontava alterações socioeconômicas severas, o que despertou estudiosos, filósofos e pensadores a refletirem em como seriam as cidades ideais para os habitantes. Cidades que se encontravam cada vez mais sendo tomadas pelas máquinas e a necessidade de o homem do campo querer migrar para os grandes centros, fez com que pensadores apontassem soluções para o ordenamento e planificação de cidades, tendo como ponto de partida conceitos e ideias dispares e muitas vezes opostas dentro do que poderia ser chamado de utopias urbanas.

Cidades, outrora medievais, cujo inchaço demográfico ocasionado pela revolução industrial na Europa, “foi um dos gatilhos para que no século XIX, se iniciasse um processo de especulação territorial, mediante o qual os espaços urbanos passaram a ser fragmentados numa lógica funcional a demandar, por parte da administração pública, certa regulação” (CRUZ & TAVARES, 2018, p. 6).

Nesse sentido, o século XX foi marcado por muitas mudanças na cidade contemporânea, principalmente nas cidades do pós-guerra, tendo seus tecidos urbanos sido desman-

4 Ildefons Cerdà catalão conhecido como um dos fundadores do urbanismo moderno, criador do Plano de Barcelona, escreveu *Teoría General de la Urbanización* e defendia a ideia de ter uma cidade igualitária, em relação a usos e direitos iguais para todos os usuários (MONTANER e MUXI, 2014).

telados, precisando de urgentes revitalizações, requalificações, renovações e tantas outras formas de intervenção urbana, que fossem mais compatíveis com a conjuntura do lugar, até chegar ao que hoje conhecemos como grandes projetos urbanos.

Além destes episódios da história, o dinamismo do urbano cria espaços ociosos ou desativados, ocasionadas por alterações na economia local, abrindo possibilidades para novas propostas de intervenção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve início em maio de 2024 quando o grupo iniciou suas reuniões, discussões e encontros. Ainda estamos na etapa de levantamento de dados e pesquisa de campo, o que torna ainda incipientes termos uma amostra clara para tal. Mas neste trabalho estão contidos embasamentos e discussões teóricas recolhidas em leituras de textos e seminários feitos internamente com o grupo de trabalho.

6. REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Bárbara; RODRIGUES, Ísis. Revitalização de centros urbanos e sustentabilidade: os exemplos da estação das docas e da cidade de Barcelona. VI Simpósio Nacional de História Cultural. UFPI. Teresina, 2014.
- CHOAY, F. O Urbanismo: utopias e realidade. Perspectiva, Col. Estudos, Série Urbanismo, n. 67. São Paulo, 1998.
- BARRETO, Rogério. O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação. Cadernos curso de doutoramento em Geografia. FLUP, 2010.
- BOTELHO, Gabriel. Arquitetura e Poder: A formação do campo arquitetônico como base constitutiva de um pensamento moderno, nacionalista e autoritário na arquitetura brasileira (1914-1945). Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.
- CASTELLO, Lineu. A cidade dos centros excêntricos. Revista Vitruvius, 193.04 urbanismo. 2016.
- CRUZ, Mônica da Silva; TAVARES, Regina L. G. O planejamento urbano no século XX: ressonâncias das escolas urbanísticas no contexto pós-revolução industrial e a Historicização da ideia de cidade no Brasil. Revista de Direito da Cidade, vol. 10, nº 2. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/32323/24092> (Acessado em 29/04/21).
- MERCIER, Guy. *Dimensión cultural de la renovación urbana: un análisis retórico del urbanismo contemporáneo*. Departamento de Geografía da Universidade de Quebec. Revista Investigación y Desarrollo vol. 16, nº 1. Quebec, 2008.
- MONFRÉ, Maria A. M. Modelos de Urbanismo: conceitos, desenhos e tipos, conforme “O Urbanismo” de Françoise Choay. Revista Belas Artes, v. 18, p. 15, 2015. Versão digital. Disponível em: <http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/18/modelos-de-urbanismo.pdf> (acesado em 05.04.21).
- MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. Arquitetura e Política, ensaios para mundos alternativos. Gustavo Gili. São Paulo, 2014.
- PILARES, Alvaro. Marcas de Governo: Grandes projetos como instrumento de promoção política em cidades brasileiras. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2021.

ROGERS, Richard; GUMUCHDJIAN, Philip. Cidades para um pequeno planeta. Gustavo Gilli. Barcelona, 1997.

TAFURI, Manfredo. Projecto e Utopia. Coleção Dimensões, Lisboa, 1985.

VASCONCELOS FILHO, João Manoel de Revista. A importância da área central e suas contribuições para a compreensão e análise da cidade: em discussão o processo de segregação socio espacial. GeoSertões (Unageo/CFP-UFCG). n. 1, vol. 1, jan./jun. 2016.

VIEIRA, Elvis José. Grandes projetos urbanos e a transformação da forma urbana na cidade contemporânea: Operação urbana orla ferroviária de Suzano. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP. São Paulo, 2012.